

CHEGOU 2016!

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

“Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem”

Belchior

O Brasil continental, em 2015, viu muita chuva no Centro-Sul e seca no Nordeste, com impactos radicalmente opostos: crescimento da oferta de canas no Sul e forte queda da produção no Nordeste. São safras que acontecem em momentos diferentes e que se somam no atingimento à demanda de cada ano. Os limites físicos da região Nordeste são cada vez mais sentidos a cada ano, na medida em que aumenta a demanda pelos produtos do setor. Certamente como resultado disso, a transferência de oferta (etanol) do Centro-Sul ao Norte-Nordeste crescerá consistentemente em 2016.

Esse fato é uma clássica característica de questão conjuntural ou se trata de mudança estrutural?

O fato é que o exemplo citado é estrutural, pois baseia-se em limites físicos já ultrapassados, pelo menos na tecnologia vigente. Afinal, no estado da arte atual está difícil no Brasil para a produção acompanhar o crescimento da demanda de etanol. Por outro lado, também difícil se ter um mercado de açúcar com menor interferência dos governos.

Em 2016 isso tudo e outras importantes considerações estarão presentes com muita força. O mundo precisará do açúcar brasileiro para atender um crescimento de demanda que gostaria de pagar até US\$ 15 c/lb! E como crescer também no etanol com a ausência de compromisso público de política coerente, não volátil, nos combustíveis líquidos? Apesar das definições globais formidáveis da COP 21, no foco da descarbonização do planeta, a política atual no Brasil é a do discurso e não a das ações!

Outra questão relevante em 2016 é que o endividamento médio setorial do agronegócio canavieiro é muito elevado e só isso indica alguns componentes de preocupação: dificuldade ao produtor de ter acesso ao crédito e, assim, redução nos investimentos fundamentais. Outra pressão em 2016 é o preço internacional do petróleo, em queda livre desde setembro de 2015. Preços de petróleo abaixo de US\$ 30 por barril inviabilizam muitos empreendimentos em prospecção e até mesmo em retirada do shale oil nos EUA, o que faz retornar momentos semelhantes em períodos anteriores. A questão é: Seria isso estrutural? Ou novamente uma conjuntura geopolítica?

Em 2016, o custo global da energia cai. Não no Brasil, que perdeu totalmente o pé de política energética: anos de afogamento do etanol, por absoluta insensatez de políticas públicas ou pelas perdas dos fatos que geraram a grande expansão da sua

oferta nos anos 2003 – 2010; subsídios à gasolina da qual o Brasil é deficitário em oferta; pré-sal e ideologia, sem licitações, sem atenção ao capital externo.

Diz o Prof. Goldemberg, que o Brasil é o modelo para as produções de soja e de cana-de-açúcar, desde que não atravessados pelo nacionalismo “brucutu” dos governos pós 2006.

O Congresso Nacional vive com os holofotes do Lava-Jato sobre seus líderes. A frágil Presidência da República, isolada e a sensação de uma longa crise econômico-financeira a ser enfrentada faz a imagem de um 2016 triste para os brasileiros.

Assim, exceto a recuperação positiva dos EUA e as notícias políticas positivas da Argentina, as expectativas são muito ruins ao Brasil, que recebeu algum afago internacional pela sua atuação na COP 21, em Paris, em dezembro de 2015 mas que receberá a pressão competitiva dos países citados e, também, a desaceleração econômica da China, nosso grande comprador.

Em 2016 o Brasil mostra-se “barato” pela desvalorização da sua moeda e pela queda do valor dos ativos empresariais, o que, em teoria, seria muito atrativo ao capital internacional. Nisso está inserido de forma significativa o setor sucroenergético com um expressivo número de empresas em recuperação judicial.

Para completar a síntese do momento vivido globalmente e no Brasil, a visão geopolítica de energia se agrava com as profundas diferenças Ocidente/Oriente que pioraram profundamente, de forma dramática.

O clima de guerra no Oriente Médio, focada nas ações dos países desenvolvidos contra o ISIS ou o “Estado Islâmico”, principal agente do terrorismo internacional, cria algumas condições diferentes:

- a) A Rússia volta com força e “quebra” o seu isolacionismo até 2015 face as ações dos EUA e da Alemanha;
- b) Os EUA sem as ações pró-ativas de antes;
- c) A Arábia Saudita não reduz a oferta de petróleo mesmo com os preços baixos, para não perder “market share” para o Irã, seu inimigo e que volta ao mercado após o acordo com os EUA;
- d) Os preços do petróleo ficarão baixos um período razoável (certamente o ano de 2016) a não ser que algum grave incidente bélico ocorra no Oriente Médio. Mas voltarão, à frente, aos preços de US\$ 70/barril pela falta de investimentos e crescimento da demanda. Esse curto prazo de 2016 atrapalhará profundamente a Petrobrás e seu monumental endividamento, perda de valor e imagem arrebatada.

O isolamento do Brasil é outra consequência do viés ideológico dos últimos governos que fez ignorar a realidade da globalização, dos acordos bilaterais dos nossos concorrentes, trazendo uma perda de imagem exterior e redução do potencial de exportação, extremamente graves ao país.

E quanto ao setor sucroenergético, o que esperar?

- a) A safra 2016/17 ainda está distante e depende do clima do verão e do outono. O verão vai bem e as expectativas são de um canavial, apesar de mais velho, com produtividade semelhante à da safra 2015/16. As variáveis são o risco de florescimento e uma seca pós chuvas de março/16.
- b) Haverá, provavelmente, limites de moagem em relação ao canavial existente e uma safra que inicia mais cedo;
- c) O balanço de oferta e demanda será favorável aos preços, mesmo com atrapalhação de Brasília;
- d) Dívidas e falta de crédito são outras variáveis a observar, na pressão da comercialização pela necessidade de caixa;
- e) Claro que em ano com inflação elevada, déficit fiscal, juros elevadíssimos e desconfiança, as possibilidades de “pequenos desastres” sempre devem ser lembradas.

Um país presidencialista precisa ter Presidente, como diz Delfim Netto. A tendência ao aprofundamento do desemprego, os juros altos e a inflação de dois dígitos atormentarão os brasileiros em 2016.

